COMENTÁRIO SOBRE AS PROVAS – Turmas de Eunice Ostrensky

1. Os principais erros gramaticais e sintáticos foram: vírgula entre sujeito e predicado; falta de pontuação; falta de acentuação; crases ausentes ou mal colocadas; regência erradas (muitos!); falta de concordância verbal (“os modernos ... escolhe”) e nominal; falta de sujeito; falta de objeto; “portanto” com o sentido de “mas”; “apesar de” como “no entanto”; causa tomada como efeito; excesso de gerúndios; frases sem verbo;
2. Letras quase ilegíveis desafiaram minha paciência. Recomendo axs que receberam comentários a esse respeito na prova que comprem um caderno de caligrafia e o utilizem corretamente nas férias;
3. Considerei erro: a utilização de aspas sem ser em caso de citação e sem razão evidente; linguagem coloquial; neologismos.
4. Uma observação jocosa: algumas pessoas acham que estão fazendo uma análise mais aprofundada quando, em vez de problema, usam o termo “problemática”. Lembrem-se do antigo jogador Dadá Maravilha: “Não venham com a problemática que eu venho com a solucionática”. Procurem escrever de maneira direta, simples e objetiva. Termos supostamente técnicos só servem para tornar o texto mais obscuro e pretencioso;
5. Títulos de livros devem ser grifados, quando escritos em letra manuscrita;
6. A mera justaposição de ideias não demonstra uma relação entre elas. É preciso justificar o possível nexo existente entre duas ideias distintas, caso contrário o texto se torna inconsistente e a argumentação solta, frágil. O mesmo vale para a justaposição de proposições sobre dois autores distintos: resumir a posição de Constant e, em seguida, a de Wollstonecraft não constitui uma comparação;
7. O mesmo vale para afirmações sobre os autores. Nos estudos das humanidades, a verdade não é o principal critério do conhecimento e por isso tudo deve ser justificado. As interpretações e conceitos são sempre contestáveis e controvertidas. Por isso, não basta fazer uma afirmação: é preciso demonstrá-la, justificá-la. Reiterando: não há nada óbvio em teoria política e mesmo posições consolidadas podem ser criticadas, desde que com fundamentos e de maneira demonstrativa. Cuidado, portanto, ao escreverem algo como “o autor x afirma que...” se não houver como comprovar isso;
8. Argumentos circulares: ideias que não se desenvolvem e sempre retornam ao mesmo ponto, de modo que a premissa é igual à conclusão. Em geral, isso se deve à falta de leitura e, portanto, à insuficiência de vocabulário e de argumentos.
9. Analisar não é resumir. Apesar da advertência, muitas pessoas fizeram resumos da aula e não demonstraram, na prova, ter lido o texto de modo autônomo. Insisto, pela última vez, que a falta de leitura dos textos, seja por que motivo for, quase inevitavelmente leva a uma postura passiva dxs alunxs, que se contentam em ficar à espera do conteúdo dado por mim e não se apropriam dos argumentos, conceitos e propostas de autores e autoras.
10. Descontei nota de quem fez, na resposta, citação do excerto apresentado no enunciado da questão, porque, afinal, tratava-se de explicá-lo, não de reproduzi-lo;
11. **Principais erros conceituais ou de conteúdo:**
12. A maior parte das pessoas não explicou o que Tocqueville entende por liberdade política e reduziu o papel da aristocracia ao fato de ela originalmente ter habitado o campo. Outro equívoco consistiu em considerar a “revolução democrática” de que trata Tocqueville no excerto selecionado como o evento de 1789, não como processo mediante o qual avança a igualdade de condições. No noturno, poucos explicaram por que a nobreza deixa as províncias e que papel ela exercia lá. A centralização contribui para o êxodo da nobreza, seu abandono dos deveres tradicionais nas paróquias e a sua conversão em casta. Mas a causa disso é a fragmentação das propriedades fundiárias;
13. Infelizmente, foi frequente oferecer uma leitura panfletária e empobrecida da obra de Marx, em vez de propor uma interpretação d’*O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.* Vale lembrar que antes de tudo temos de entender o que o autor quis dizer, em vez de projetarmos nossas expectativas e opiniões pré-concebidas sobre os textos. Muitos enunciaram a importância do método do materialismo histórico, mas quase ninguém explicou em que consiste, como se fosse óbvio;
14. No discurso “Da liberdade dos Antigos comparada à dos Modernos”, Constant apresenta uma visão ideológica da antiguidade. Não se trata de uma análise histórica fundada em documentos e justificada com argumentos históricos, mas uma descrição retórica, destinada a convencer seus contemporâneos de que um certo modelo de sociedade se tornou anacrônico e, portanto, não é mais possível. Também é relevante observar que Constant está atribuindo a Rousseau e a Mably essa visão, mas é controverso se estes autores realmente propunham uma volta ao passado. Uma coisa é o que dizem de nós; outra, o que nós dizemos de nós mesmas;
15. Mary Wollstonecraft, cuja obra se intitula *Reivindicação dos direitos da mulher* (e não “das mulheres”), estava menos preocupada com a representação feminina do que com a educação igualitária. Muitas pessoas reduziram seu discurso a uma crítica à Revolução Francesa, quando, na verdade, ela era defensora desta. Quase ninguém se dedicou a examinar o que a autora entende por virtude e igualdade. Tampouco se exploraram as implicações sociais da dominação feminina. Por último, não chamamos Burke de Edmund, Marx de Karl, Tocqueville de Aléxis etc. Também não chamamos Mary Wollstonecraft de Mary.

Por último, glorifiquem de joelhos xs estagiárixs pelas notas alcançadas.

E BOAS FÉRIAS!